

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Soffa
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

ARQUITECTURA DA HABITAÇÃO*

Tiago Castela

O debate sobre a habitação durante a pandemia concentra-se em urgências, como o alojamento de pessoas sem casa, ou os despejos de pessoas arrendatárias após a protecção excepcional expirar. Simultaneamente, para além da questão crucial da economia política da habitação, urge repensarmos a arquitectura da habitação. A investigação preliminar sugere que a densidade urbana não é um factor relevante na pandemia, sendo por contraste a falta de dimensão adequada das habitações um factor. Já a materialidade e forma da habitação são elementos centrais na crise climática: desde as emissões associadas à utilização de materiais de construção mais aptos para a industrialização, ao aumento de volumes construtivos e da dispersão da habitação privilegiada. Neste quadro, o problema da arquitectura da habitação que resulta da mercantilização do espaço inclui três questões centrais: a falta de acesso da maioria das pessoas cidadãs a especialistas aptos a projectar as necessárias transformações, face a pandemias e à crise climática; a falta de dimensão adequada de unidades habitacionais e dos espaços exteriores para peões, em muitas zonas residenciais; e as emissões inerentes à construção e ao urbanismo.

É, assim, necessário pensar a arquitectura da habitação a partir do Estado, evitando uma fragmentação de políticas, mas sem regresso ao planeamento tecnocrático. Isto incluiria um projecto democrático da habitação a várias escalas, e o fornecimento de serviços técnicos para intervenção directa – especialmente para pessoas sem acesso a serviços privados de arquitectura. Poderíamos designar este processo de Serviço Nacional de Arquitectura (SNA).

O SNA poderia coordenar de imediato as seguintes medidas: em todas as cidades, reclassificação das vias com uma maioria de edifícios residenciais e com passeios com menos de 2 metros de largura, impondo um limite de velocidade de 30 km/h em via partilhada; definição de um programa de construção de varandas em edifícios com unidades de dimensão reduzida, como se tem feito em França; e alteração do Regulamento Geral das Edificações Urbanas para introduzir áreas máximas para os compartimentos, e não apenas mínimas. A médio prazo, o SNA poderia ainda desenvolver as seguintes políticas: desencorajar em regiões urbanas a construção nova e dispersa, impossível de servir por transportes colectivos; fomentar a reabilitação com materiais associados a menores emissões e aumentando a eficiência energética; incentivar a geração local de energia em coberturas planas não acessíveis; e fomentar uma mistura de actividades nas zonas residenciais, interditando a construção de novos centros comerciais periféricos. Estes são apenas exemplos; só com um programa de transformação nascido da deliberação democrática, informada pelo conhecimento especialista, poderemos transformar a arquitectura da habitação de uma maneira tão ambiciosa como a do século XX. Mas, desta vez, sem a crença no desenvolvimento permanente, que tão destrutiva do planeta e promotora de desigualdades se revelou.

* Por vontade do autor, este texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.